

“É POSSÍVEL SER LIVRE”: ENTREVISTA COM MARGARETH RAGO*

Cezar Augusto Oliveira Camparim**, Maria Júlia Silvestre***,
Mariana Luiza Secco****

APRESENTAÇÃO

O fazer histórico-filosófico, pelas mãos de Michel Foucault, é tensionando como atitude crítica em relação aos produtos violentos das tramas de saber-poder modernas-coloniais, o qual incorporaria um arsenal combativo de inservidão refletida que daria forma à impaciência da liberdade¹. A escrita da história, enquanto ferramenta contestadora das cristalizações mutiladoras da vida, carregaria uma preocupação e responsabilização para com o presente, envolvendo buscas por saídas das normalizações e saturações. Seria, então, a arte de não aceitar ser governado por determinados princípios, não no sentido de ausência de governo — já que isso seria impossível —, mas na pergunta perpétua de: “como não ser governado *assim*, por isso, em nome desses princípios, em vista de tais objetivos e por meio desses procedimentos, não desse modo, não para isso, não por eles?”² Como podemos não aceitar ser governados por leis universais que se pretendem como a única verdade possível?

Portanto, a história como crítica³ detém a missão de libertar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, consiste em refletir de que modo seria possível pensar diferentemente do que se pensa. Um anseio por escapatórias que concernem e perpassam diretamente na transformação radical da relação de si para consigo e com os

* Agradecemos à Prof.^a Dr.^a Priscila Vieira do Departamento de História da UFPR pela intermediação entre o Grupo PET História e a Prof.^a Dr.^a Margareth Rago, a qual possibilitou a realização da presente entrevista.

** Graduanda do 8º período em História (Licenciatura) pela UFPR. É membro bolsista do Grupo PET História e orientando da Prof.^a Dr.^a Priscila Vieira no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) <http://lattes.cnpq.br/7491744189000402>, cezarcamparim@gmail.com.

*** Graduanda do 8º período em História (Licenciatura) pela UFPR. É membro bolsista do Grupo PET História e orientanda do Prof. Otávio Luiz Pinto no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) <http://lattes.cnpq.br/2569982338659704>, majusilvestresil@gmail.com.

**** Graduanda do 6º período em História (Licenciatura) pela UFPR. <http://lattes.cnpq.br/3508771105044357>, marilusecco@gmail.com.

¹ FOUCAULT, Michel. *O que é a crítica? Conferência proferida por Michel Foucault na Sociedade Francesa de Filosofia, em 27 de maio de 1978*. Editora LUG, 2018.

² *Ibid.*, p.15.

³ SCOTT, Joan. *History-writing as critique*. In: JENKINS, Keith; MORGAN, Sue; MUNSLOW, Alun (Eds.). *Manifestos for History*. Nova York: Routledge, 2007.

outros. Transfiguração esta, que partiria da desnaturalização da atualidade, evidenciando os caminhos que possibilitaram as dinâmicas sedimentadas, a fim de elucidar que, a partir do momento em que a relação que entretemos conosco e com os outros é *historicamente construída*, elas podem ser *politicamente destruídas*.

Herdeira das proposições libertárias da filosofia da diferença e, em especial, do pensamento de Michel Foucault, a Prof.^a Dr.^a Margareth Rago rompeu na historiografia brasileira com uma escrita feminista pós-estruturalista cética de todos os universais antropológicos. Indagando, assim, as categorias naturalizadas de Mulher e as lutas políticas progressistas tradicionais com seus estudos acerca do anarcofeminismo. Seja pelos seus estudos a respeito dos processos de disciplinarização da república brasileira fabril, ou dos saberes médicos que constituíram o corpo e o prazer sexual das mulheres, Rago sempre estabeleceu como cerne de suas discussões a formulação de cartografias de resistências que pensassem nas transformações das subjetividades. Tais formulações estão presentes em sua dissertação de mestrado (1980-84), *Sem fé, sem lei, sem rei: Liberalismo e experiência anarquista na república*, e em sua tese de doutorado (1985-1990), *Os Prazeres da Noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, ambas defendidas no Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Estadual de Campinas.

Como subjetividade, de maneira semelhante a Foucault, a historiadora compreendeu em seus trabalhos como um resultado de tramas históricas formuladas mediante processos de sujeição e normatização, da mesma forma que pelas dinâmicas de subjetivação, entendida como o conjunto de técnicas que o sujeito utiliza-se para se constituir. A respeito das relações entre subjetividade e feminismo, a autora em *A aventura de contar-se: Feminismos, Escrita de si e Invenções da Subjetividade*, publicado em 2013, investigou as transformações nas subjetividades traçadas por sete militantes feministas nascidas entre os anos 1940 e 1950.

Para a presente entrevista, o Grupo PET História teve a honra de receber a Prof.^a Dr.^a Margareth Rago em nossa sala no Campus Reitoria durante sua visita à Universidade Federal do Paraná em agosto de 2022, para a conferência de celebração dos 50 anos do Programa de Pós-Graduação de História. Durante nossa conversa, Rago debateu a potência insurgente da escrita histórica-filosófica a partir de suas exposições acerca das críticas do presente vistas no anarcofeminismo. Além disso, explicitou os mecanismos de ataque do neoliberalismo, enfatizando a urgência de pensarmos atitudes ético-políticas

“É possível ser livre”

que formulem um arsenal de resistência perante às táticas coercitivas e à cooptação perpetrada pelas políticas neoliberais no presente

ENTREVISTA

Revista Cadernos de Clio: Os estudos feministas da década de 1980, com o intuito de dar visibilidade às pioneiras, que foram silenciadas pela historiografia, recorrem à redescoberta e revisitação de militantes anarco-feministas, como Emma Goldman, Amparo Poch y Gascón, Lúcia Sanchez Sornil, Mercedes Composada, mulheres da organização espanhola Mujeres Libres, e aqui no Brasil a mineira Maria Lacerda de Moura muito bem trabalhada no seu livro *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*. Tendo em vista que o anarquismo e o feminismo sempre estiveram próximos devido as suas agendas libertárias de questionamento às hierarquias de poder, quais são as possibilidades que o diálogo entre o movimento anarquista e feminista apresentam para constituição de novos modos de subjetivação?

Margareth Rago: Bom, inicialmente, obrigada pelo convite. Eu descobri o anarquismo quando fui fazer essa pesquisa da formação do proletariado brasileiro e me espantei de encontrar muitas mulheres no proletariado, e ficou com aquela imagem de que eu encontraria homens e metade do proletariado era ‘proletariada’, e muito jovens. Em 1904, tem a lei Adolfo Gordo, que manda de volta para a Itália, para Portugal, para a Espanha, de onde vieram, os imigrantes indesejáveis. Eles criaram essa lei. Aliás, eu achei que o ‘Medida Provisória’, o filme, faz essa história, mas eu queria contar para o rapaz, o Lázaro, que essa história é bem antiga. E aí, quando eu estava estudando essa lista dos indesejáveis, tinha muitas mocinhas de 15 anos, 16, que fizeram a greve de 17, fizeram greves nas fábricas. Então, fui me interessando muito pelo anarquismo, porque eu não conhecia, não sabia nada. E se dizia muito que o anarquismo tinha acabado em 1939, com o fim da Revolução Espanhola e a vitória do Franco, e que depois não tinha tido mais anarquismo. Agora, você tem que pensar que era o fim da ditadura militar e a esfera pública no Brasil estava destruída. Conclusão, eu só conheci os anarquistas em São Paulo quando eu publiquei o livro, só que foi imediato, defendi em 1984 e em 1985 saiu o livro e eles me telefonaram e falaram “Quem é seu grupo anarquista?”. Mas é verdade que na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) se falava muito no anarquismo, o Edgar

Vedeca, o Michael Hall, o Ítalo Tronca. Tinha uma coisa, porque tinha sido fundado o arquivo Edgard Leuenroth⁴.

Tudo isso para dizer para vocês que esse meu contato com o anarquismo foi junto com o feminismo. Mas o feminismo ainda não tinha um movimento tão estruturado como está hoje e tão grande. Era uma coisa que estava muito voltada à pesquisa mesmo. E o que me surpreendeu no anarquismo? Eu tinha feito história, me formei em 1970, e eu sou da turma que queria ser revolucionária. Eu entrei no POC, comecei a ter um trabalho com eles e todo mundo falou, é melhor você se afastar que nós vamos cair. E caíram mesmo. Mas eu não era do grupo, eu não caí. Eu fiz o contato, a gente fez um trabalho junto, eles foram presos e acabou tudo. Eu fiquei muito impressionada ao descobrir que o anarquismo pensava de uma maneira muito mais ampla essa transformação e essa crítica das relações de poder, inclusive na moral sexual, na subjetividade, na produção. Porque também no marxismo se falava, e no discurso revolucionário anterior, — antes de chegar à filosofia da diferença — na formação do homem novo. Existe esse discurso. Mas é uma leitura muito disciplinar. E as feministas que praticamente inauguram o movimento feminista em 1975, no segundo momento, tiveram que romper com seus grupos políticos, PCdoB (Partido Comunista do Brasil, 1962), AP, porque os homens eram muito machistas. Então elas falavam: “vamos discutir o aborto?”. E eles: “Não, o importante é o salário”. Elas contam isso. Quando eu fiz umas entrevistas, a Melinha [Teles], por exemplo, e os anarquistas, pensavam a questão de uma maneira muito mais ampla. Eu fiquei muito impressionada de encontrar na imprensa anarquista discussões de greve e do lado um artigo ‘A mulher e o prazer sexual’, isso em 1904! Em 1904 eles estão discutindo o prazer sexual na imprensa, um artigo escrito por uma mulher.

Então você vê que o anarquismo já é feminista, ele tem uma coisa de libertação e de pensar a questão da mulher. Luiz Michel nasceu em 1830, participa da Comuna de Paris, então como o anarquismo não está centrado em conquistar o Estado, ele tem outra leitura. Nós não tínhamos ainda essa bagagem Foucaultiana para entender melhor as práticas anarquistas. Mas os anarquistas são contra o poder aqui e agora, as relações de poder. Portanto, a questão da subjetividade, do autoritarismo está colocada. E a diferença em relação à mulher também. Fiquei muito impressionada de ver na imprensa libertária, o jornal Terra Livre, a Plebe, artigos discutindo a greve, a autogestão da produção, a

⁴ Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) é um Centro de Pesquisa e Documentação Social fundado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o arquivo contém diversas coleções pessoais oriundas do movimento anarquista, veja mais em: <https://ael.ifch.unicamp.br/>.

“É possível ser livre”

economia. O lugar social das mulheres, a situação da trabalhadora, e fazendo uma crítica da moral sexual, que afeta diretamente as mulheres. Crítica do casamento monogâmico, indissolúvel, e eles falavam que o amor é livre. Na minha geração era amizade colorida, mas não é amizade colorida. Amor livre dos anarquistas não tem a ver com amizade colorida. Não, em 1970 era a Revolução Sexual, e se falava em amizade colorida, nasceu a palavra gay. Não existia a palavra gay antes de 1970. Eu tinha 20 anos em 1970, houve uma mudança muito radical.

O anarquismo está discutindo essa questão de que há que ter liberdade na escolha, nas relações, não pode definir se uma pessoa vai namorar, vai ser noiva. Eles estão debochando disso no século XIX, quando nasce, isso que eu achei impressionante, com o tempo fui descobrindo que esse ideal de casamento, de família nuclear, de feminilidade e masculinidade, é do século XIX em oposição à sociedade de corte. Porque a mulher da corte não é rainha do lar, a aristocracia. O homem também não é monocromático. Os nobres são coloridos, têm cabelo comprido, se pintam, usam saltam alto, e ninguém acha que é homossexual, não tem esse discurso, nem tem essa partilha. Então, fiquei muito impressionada e entendendo melhor o que o Foucault dizia, o primeiro capítulo da *História da Sexualidade I* se chama ‘Nós, os Vitorianos’. Nós somos herdeiros do século XIX. O que me impressionou é que o anarquismo fazia crítica disso no ato. Nasce o ideal, nasce a crítica. E o anarquismo pensando em outras formas. Eu penso que, de cara, o anarquismo é uma doutrina política e uma experiência também que está imbricada com a questão do feminismo. É feminista por natureza, porque coloca essa questão de que nós temos que formar pessoas diferentes de outra maneira. No caso das mulheres, elas têm que se emancipar, não dá para a mulher ser a rainha do lar. Esse ideal não tem nada a ver porque confina a mulher no lar.

Hoje, eu gostaria mesmo de fazer um pouco de pesquisa sobre a herança da tradição grega no anarquismo, porque é impressionante. Pena que a Luce Fabbri morreu. Ela morreu com 90 e poucos anos. Ela me responderia bem a essa questão. Mas os anarquistas, eles não citam Santo Agostinho, eles são críticos do cristianismo. Eles citam o Epíteto, Epicuro e Diógenes, mas eu nunca fui muito atrás, e hoje eu estou pensando que o Foucault também é herdeiro da tradição grega. Eu nunca tinha pensado isto tão claramente, que o Foucault se identifica com os estoicos, com os epicuristas e com os cínicos, o último livro dele é sobre isso. E ele tem uma frase, em um dos livros, uma notinha de rodapé, em que ele fala que a tradição passa. Eles são eliminados dos livros de história

da filosofia. Ninguém fica sabendo, mas passa. Não sei como passa. Então, eu fico pensando como o anarquismo vem nessa herança, e nessa herança não tem a Mulher. Não existe o mito de Adão e Eva, ela não é responsável pela queda da humanidade. Então, ela tem que ser confinada no lar e isso é culpa da mulher, porque ela obedeceu à serpente.

Então, não é a ideia de formação de um novo homem um dia, quem sabe, depois que conquistarmos o Estado e distribuirmos a riqueza. É aqui, agora. Daí o investimento que os anarquistas têm na educação, sabe-se que em São Paulo, até no norte do país, existiam escolas modernas, que eram as escolas anarquistas, que o Estado arrebitou em 1919. E essas escolas anarquistas eram muito diferentes das escolas que estavam nascendo com o ensino público. Estavam nascendo com a República as escolas disciplinares. Eu fiz escola pública sempre na vida. Mas assim, na minha classe, no colégio, eram meninas — meu irmão com outros meninos — “a gente fazia clássico e eles faziam científico”, humanas e exatas, era essa a regra. E os anarquistas eram críticos disso, no século XIX, quando isso está nascendo e aqui no Brasil, no começo do século XX eles estão falando: “como assim? Precisa misturar as pessoas, elas precisam conviver. Não pode pôr rico ali e pobre aqui. Tem que pôr todo mundo junto para as pessoas se conhecerem, conviverem e não fantasiarem tanto umas sobre as outras”, e homens e mulheres sobretudo.

Então, a questão da subjetividade está fortemente colocada no anarquismo com essa ideia de uma produção, uma transformação emocional, psíquica, moral, o tempo todo. Não é assim: você é militante na quarta-feira das quatro às seis, você vai na favela de Heliópolis e, no resto dos dias, você é competitivo, é egoísta. Você batalha [portanto], por uma subjetividade ética, essa é a ideia que a gente aprende dos antigos gregos, uma pessoa que é autoritária, corrupta, não pode ser político. Quem não cuida de si, quem não sabe se transformar, se elaborar, não pode cuidar dos outros. Então, não dá. Quem não cuida de si, despenca sobre o outro, como nós temos a experiência prática na nossa história aprofundada nos anos mais recentes.

Eu também tive muita experiência de pesquisa, não conhecia o anarquismo, não tinha grupo anarquista. Não sabia nada. Foi o livro que me pôs em contato com os anarquistas. E esse pessoal — de um bairro operário de São Paulo — naquela época me pôs em contato com o Edson Passetti⁵, que era da PUC (Pontifícia Universidade Católica)

⁵ Edson Passetti: graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1974), mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1982), doutorado em Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994)

“É possível ser livre”

de São Paulo. E aí começou uma grande amizade, nós temos 6 números de revistas feitas para jovens, grandes, chamadas ‘Libertárias’, os artigos são bem curtos com fotos, imagens, muito bonitas. Nós fizemos isso em 1997, 1998. Bonitas revistas, eles têm uma produção linda, a revista Verbe, Libertária. E aí eu fui pesquisar a Luce Fabbri e, depois de um tempo – já era 1992, 1993 –, teve um congresso em São Paulo e eu conheci a Luce Fabbri, chamava ‘Outros Quinhentos: Pensamento Libertário Internacional’, e aí eu perguntei se eu podia fazer a biografia dela e acabei ficando cinco anos indo lá.

A Luce Fabbri é interessante porque ela não era feminista. [O que é] muito comum você encontrar nas gerações antigas. Imagina, o grupo chama ‘*Mujeres Libres*’, um grupo de mulheres que atuam na Revolução Espanhola, tem cursos de capacitação para as operárias – *Liberat6rios de la Prostituci3n* para retirar as prostitutas da espada – e falam que não s3o feministas, por qu4? Porque nessa 4poca se entende que feministas s3o as feministas americanas, da classe m4dia. Mas aconteceu que eu tamb4m tive contato com elas quando fui para a Espanha por conta da pesquisa, ent3o tive muito contato e pensei: “n3o d3a para ficar pensando e perguntar se 4 feminista”, n3o d3a para perguntar isso. Tem que ficar no tempo delas, elas s3o lutam pelos direitos das mulheres, pelas causas das mulheres, mas n3o s3o feministas. Ent3o, voc4 tem que entender as interpreta33es, eu nunca tinha ouvido falar num grupo como ‘*Mujeres Libres*’ na Revolu33o Espanhola que tiveram 30 mil afiliadas. Porque elas criam um grupo e explodem a Revolu33o e a3 o grupo cresce. A Espanha 4 muito conservadora, cat3lica, reacion3ria, dividida no meio, os anarquistas e comunistas de um lado e de outro lado, a direitona, brava, e elas come3am a fazer um trabalho com as mulheres pensando que as mulheres precisavam se libertar, se emancipar. Ent3o, tr4s mulheres, uma advogada, uma m4dica e uma poeta, todas ligadas 3 CNT, que criam esse grupo ‘*Mujeres Libres*’, e logo t4m a Revolu33o Espanhola em julho e explode o grupo em 1936. Uma das anarquistas, que n3o 4 do grupo, a Federica Montseny, resolve apoiar o governo do Largo Cavaleiro, eles fazem uma frente contra o Franco, e os anarquistas racham: uma parte acha que n3o tem que votar no “Lula”, outra acha que tem. E a parte que acha que tem comp3e [o governo de Largo Cavaleiro]. E essa Federica Montseny, por exemplo, vira ministra da Sa3de e legaliza o aborto, em 1936. Fazem um “SUS” l3. Fazem uma reforma sanit3ria com os m4dicos anarquistas, porque

e livre docente pela mesma universidade (2000). Foi professor associado da Pontif3cia Universidade Cat3lica de S3o Paulo- PUC-SP. 4 pesquisador na 3rea de Ci4ncia Pol3tica, atuando principalmente nos seguintes temas: anarquismo, pol3tica, abolicionismo penal, sociedade de controle, ecopol3tica e estado. Para saber mais: <http://lattes.cnpq.br/8472488233004481>.

tem os médicos anarquistas também que eu achei impressionante, o Isaac Puente, o Alex Martin Báez, e eu falei: “nossa, também tem história esses médicos”.

Eu me lembro que uma anarquista, outro dia, numa conversa de mulheres anarquistas, uma especialista, ela me falou que só conhecia médicos de direita e eu falei: “eu não, conheço um monte de médicos de esquerda”. Só na Unicamp, o Sérgio Rezende, são foucaultianos, eu fiz um curso na medicina de Foucault e gênero para os médicos da Unicamp, e eles trabalham com a população de rua, saúde coletiva, e tem na USP (Universidade de São Paulo) também, deve ter em outras partes, estou falando do que eu conheço mais de imediato. Então acho que há uma preocupação muito grande com a questão relacional e, portanto, a crítica à misoginia, a crítica ao machismo.

Olha, eu fiquei muito surpresa com as coisas que eu fui descobrindo nessa história do anarquismo. Claro que há muitas contradições também, você vai encontrar muitos homens anarquistas machistas. Eu acho que todos nós somos formados numa cultura [inaudível], ninguém é puro. Ninguém está ileso. Agora, há pessoas que acham que elas estão prontas, que elas sabem e que elas não precisam olhar para si, outras acham que não, que são mais modestas: “melhor eu me trabalhar um pouquinho”, porque é óbvio que a gente tem inveja, de repente você está sendo competitivo, mesmo que você não queira. Não é uma coisa assim que você tem tanto controle do seu psiquismo, do seu lado emocional, da sua subjetividade.

Então era isso que eu queria falar. A reflexão anarquista é muito forte nessa questão porque ela está propondo um outro tipo de sociedade, um outro tipo de relação. E entende que os indivíduos são construídos nessas relações, isso afeta tanto os homens como as mulheres. E para as mulheres é muito linda essa história porque, por exemplo, essas *‘Mujeres Libres’*, além do mais, tinham uma revista só de mulheres com 13 números. Tem um rapaz lá em Minas que estuda, o Thiago Leus, ele estuda a Lucia Sancho Saornil, ele ficou especializado nela, um dia ele me procurou e eu falei assim: “como você conheceu essa Lucia Sancho?”, ele foi atrás com amigos espanhóis. Nossa, é impressionante o que ele tem no site, no Facebook, e aí eu tive esse contato, mas com elas bem velhinhas. A Antônia Fontaneja tinha 90 e poucos anos, mas muito bem, todo mundo ótimo. E assim, os anarquistas, como eles são muito perseguidos desde sempre, preservam muito a documentação, então todo anarquista tem um arquivo em casa, é uma coisa muito engraçada isso. Eles sabem, eles falam e a minha pesquisa foi feita no arquivo

“É possível ser livre”

histórico, mas muito mais nas casas, um anarquista me mandou para a casa do outro e todos tinham tudo, muito engraçado.

Então essa é a questão da subjetividade, feminismo e anarquismo. As coisas foram se casando inesperadamente, porque eu fui estudar o proletariado e descobri que era a ‘proletariada’. E nesse período no Brasil, no início da industrialização, que é de 1890 até 1930, no início da industrialização no Brasil, os anarquistas é que têm peso político. O Partido Comunista foi fundado em 1920, 1921, veio depois. Até muitos anarquistas participam da fundação do Partido Comunista. Mas nesse primeiro momento, eu fui descobrindo o anarquismo e fiquei encantada, depois eu fui indo atrás. Eu não sabia que no Uruguai tinha uma comunidade chamada ‘Comunidade El Sur’, que é fundada em 1955, e a minha filha era pequena quando eu estava fazendo essa pesquisa, mas aí ela ia comigo e a gente ficava nessa comunidade hospedada. E a Marina ficava com as crianças anarquistas, brincando com os anarquistinhas. Ela só reclamava porque essa comunidade, na ditadura no Uruguai, a comunidade caiu fora, porque foram morar na Suécia, e ficou dez anos na Suécia. E na Suécia, claro que o filho casou com o sueco, a sueca casou com o filho, nasceram as crianças. E eles voltaram dez anos depois, no fim da ditadura e aí a minha filha reclamava que tinha que assistir desenho sueco com as crianças anarquistas. Porque eu ia fazer a pesquisa, eu ia pra casa da Luce Fabbri, no centro da cidade e a comunidade é numa chácara, a uns quinze quilômetros do centro. E a Marina ficava com as crianças. Uma história, né? Hoje a Marina tem 36, mas eu falei: “A Marina tinha que contar as histórias dela”. Ela conheceu as ‘Mujeres Libres’, porque ela foi comigo pra Espanha. Ela ficava lá quieta, eu entrevistando e aí ela cantava, a Antônia a ensinava a cantar música da produção espanhola.

Bom, eu acho que é por aí que as coisas se cruzaram, né? E acho que existe também no comunismo, uma proposta de formação do homem novo e uma proposta de emancipação da mulher. Mas eles acham que isso acontece naturalmente depois que tomar o Estado, a ditadura do proletariado, então: “algum dia, quem sabe, pode ser” entende? E os anarquistas estão aqui no agora. Não tem que tomar o Estado, tem que destruir o Estado e todas as relações de poder, porque é *possível ser livre*. E a autogestão, o coletivo, funciona melhor do que o indivíduo sozinho. Então, eu penso que são duas tradições muito diferentes, tem muito a ver da tradição grega. Mas, enfim, a gente não

estuda a tradição grega, quando eu fiz a antiga, era a época do positivismo, não tinha o Funari⁶ ainda, ele é mais novo que eu, tudo veio depois.

Revista Cadernos de Clio: Partindo das concepções de Foucault sobre a *governamentalidade* neoliberal, conclui-se a extrapolação dessa influência apenas nas relações econômicas. Percebe-se, então, a partir dessas ideias e dos estudos contemporâneos, a captura neoliberal da subjetividade. Dessa forma, quais são os desafios dos movimentos feministas diante dos limites tênues entre as propostas de "cuidado de si" e as "artes de viver", e a submissão às vontades do capital humano? Portanto, o que seria essa racionalidade governamental e como pensar as *contracondutas* nessa conjuntura?

Margareth Rago: Então, essa pergunta já traz muitos elementos dessa resposta. E eu acho que eu vou refletir sobre, não sei dar respostas, porque eu acho que cada movimento no seu espaço tem que pensar em saídas. Agora, o que me incomoda um pouco é a ausência do debate no feminismo no Brasil e na América Latina. Esse debate é mais forte na Europa e nos Estados Unidos. Por quê? Porque eu acho que o feminismo na América Latina e no Brasil é muito marcado pelo marxismo. Nós estudamos o Marx por anos antes de chegar ao Foucault. Eu entrei em 1967 na USP, conheci o marxismo em 1968 com o Fernando Nova, e o marxismo se difundiu no Brasil na década de 1970, quando está chegando a filosofia da diferença. Então no início, em 1975, quando algumas feministas começam a se reunir e criar a imprensa feminista brasileira pela segunda vez, novamente, em 1975, com algumas exiladas, outras saindo da prisão, outras mais jovens, elas pegam muito o discurso da luta de classes e põe a luta de sexos. E a questão é as trabalhadoras, as mulheres. Isso, entendeu? Esse é feminista de quarta-feira, das quatro às seis, para cuidar de pobre. Se for branca, de olho azul, classe média. Hoje, a gente faz essa crítica porque é uma leitura muito focada. Não é assim. Que livros vocês leram falando da subjetividade no feminismo no Brasil? Quem está discutindo? Eu entendo também que os tópicos que são discutidos são muito importantes.

Voltando à minha filha, por exemplo, ela é muito ligada à questão da agroecologia feminista, o trabalho das mulheres no campo, a produção rural, o MST, o ASOF, a Marcha Mundial de Mulheres, a economia solidária. É muito impressionante o trabalho que elas

⁶ Pedro Paulo Funari é bacharel em História (1981), mestre (Antropologia Social 1986), doutor (Arqueologia 1990) pela USP, atualmente é professor titular na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Sua pesquisa tem como foco a História Antiga, Arqueologia, Patrimônio, Estudos de Gênero na antiguidade e Turismo. para saber mais: <http://lattes.cnpq.br/4675987454835364>.

“É possível ser livre”

fazem, pensando na questão do trabalho da economia, que são chaves bem do marxismo, né? E, assim, no marxismo, a subjetividade vai mudar quando chegar o seu tempo. E a gente pensa o contrário, pensa que o problema é o fascismo que habita em nós, não é? E essa questão do poder e essa competitividade, inclusive, entre feministas e entre feminismos. Atualmente, eu estou dizendo que, se o feminismo é uma luta para criticar as mulheres, ele deve mudar de nome porque, que eu saiba, o feminismo é uma luta para criticar a cultura machista, masculina, patriarcal. Agora, se o feminismo vira briga de mulher com mulher, é outro movimento, então. Temos que dar nome aos bois e às vacas [risos].

Então, eu acho que falta um pouco essa reflexão. Porque, assim, eu me lembro muito bem, quando eu tinha 20 anos. Quando eu virei marxista, eu também era insuportável. Eu também achava essas coisas. Imagina: “psiquiatra, psicanalista, isso é coisa para burguês, é a subjetividade”. Ninguém falava, aliás, a palavra subjetividade, nem identidade, se falava da revolução, do trabalho, da mulher, você pensava o mundo lá, você cá. Só que o “você cá” significava que você não podia gostar da música que você gostava. Eu fazia aliança francesa e não contava para ninguém, porque eu não queria que eles me achassem burguesa, dava aula de inglês na União Cultural e não contava para ninguém, imagina, “o imperialismo americano”. Então, uma negação de si, muito violenta. Conclusão, Quando tudo explodiu, eu fui parar no psiquiatra [risos]. Ele falou: “você se nega, se nega, se nega. Aí, tem uma hora que você acabou.”

Então essa questão é muito forte, porque eu acho que eu tive essa experiência de fratura, traumática, de quebra. E tudo muito rápido, tudo aconteceu muito rapidamente, num período de ditadura. Porque é diferente hoje, tem muitos recursos, naquela época, ninguém falava nada, não tinha yoga, não tinha cultura oriental, não tinha nada. E estavam chegando ainda os psiquiatras argentinos, essa turma da análise institucional, psiquiatra era coisa de louco naquela época. Então falta nos feminismos uma discussão um pouco mais elaborada dessa questão, porque ela não é uma questão secundária, é uma questão fundamental, você está perguntando que tipo de vínculo as feministas devem estabelecer entre si e com os outros. Os homens mudaram muito, não dá para comparar os homens de 50 anos atrás com os homens de hoje, não é a mesma coisa, hoje falar que um homem é galinha, você está xingando. Vê esses deputados aí, todo mundo está rindo da cara deles, um homem não é mais admirado hoje se ele aparecer com três, as pessoas olham e ficam pensando que ele tem algum problema sexual. E nem as mulheres hoje são educadas —

quer dizer, tem a direita, está aí, como sempre, e os monarquistas também —, as mulheres não são indicadas para a virgindade, para servir aos homens no casamento e como prostitutas. Não é mais assim. A ideia é que você viva sua sexualidade do seu jeito. O clitóris não é mais o que a gente aprendeu na década de 1970, achando que era uma grande novidade.

Essa questão é fundamental, porque o capitalismo é uma coisa muito impressionante de sofisticado, é o capital, eles têm grana, faz o que quer. Por exemplo, quando eu morei nos Estados Unidos, eu levei um susto quando eu fiquei sabendo de um grupo que cercou uma clínica que fazia aborto, ameaçando as pessoas que faziam aborto de morte. E eu fui na classe e falei assim. Eu não sabia que existia o '*Ku Klux Klan Abortion*'. Uns três anos depois, eu li uma revista americana e dizia que não estava mais acontecendo esse tipo de coisa. Como eles fazem para atraparalhar as pessoas, agora? Não tem mais essa coisa de ir lá, cercar uma clínica e querer matar todo mundo, você põe a clínica num lugar tão longe, tão longe, que ninguém consegue chegar. A mulher que vai fazer aborto não tem dinheiro para ir pegar um ônibus e ficar em um hotel, e ela desiste.

Olha como a coisa é perversa, as formas de destruição são muito mais sofisticadas e eu acho que o neoliberalismo é muito isso. Temos uma forma de desorganização do trabalho, a uberização do trabalho, a educação, a imprensa. Estou falando isso porque fui banca de um exame de qualificação do Ivan Sampaio que está discutindo essas novas formas de governo no neoliberalismo, hoje. Ele está falando da crise da democracia e do neoliberalismo, e é um negócio muito chocante, porque é uma individualização muito grande, é o “você com você, eu mais eu”. Ou as pessoas olham para si e ficam achando que são deusas, ou elas viram evangélicas, como você aguenta a si, sozinho? Olha o que a pandemia fez. A quantidade de gente que engordou, porque a saída é ficar comendo chocolate [risos], a quantidade de gente que entrou em depressão, porque você depende da rede de relações. E não é só a pandemia, o neoliberalismo individualiza, privatiza tudo e traz essa governamentalidade, essa racionalidade também do custo-benefício em todas as suas atividades. Vocês viram na televisão, não sei se vocês viram, eu assisto o jornal Globo News e aparece um cara, procurador da República, vocês viram? Agora faz um mês, umas três semanas, dizendo — eu não sei o nome dele — que “o feminismo é uma doença mental, que logo será aprovado, vai ter o IDS” e que, além do mais, “as mulheres têm que entender que elas nasceram para servir, que elas têm obrigações conjugais e, se elas não cumprem, elas têm que pagar”. É a lógica neoliberal,

“É possível ser livre”

onde que está chegando? Quer dizer, se a mulher não dá prazer para o marido, ou então a prostituta, pro cara que está pagando, ela tem que pagar.

Então, o que me assusta muito, em relação à juventude, é que a juventude vem sem parâmetros. Eu me lembro muito de um texto do Thompson, quando ele fala que para a geração que estava acostumada com a vida artesanal, com o cotidiano, antes da industrialização, chegar ao McDonald's foi um baque, um choque, chegar à comida industrializada, mas para a geração que nasce nisso e não tem experiência anterior, ela não tem parâmetros. E as mudanças são de uma rapidez muito impressionante, então, se vem uma juventude que não tem um parâmetro de coletividade. Ela não tem referências. É isso que está me impressionando muito, a ausência de referências. E, geralmente, famílias muito conservadoras, ou são muito religiosas, negacionistas e, não é só da Covid, é negacionismo da ciência. Quer dizer, existe uma atitude negacionista de uma sociedade que é muito, vamos dizer, tosca. Tem uma formação muito tosca, muito burra, muito primária, uma educação muito ruim. Eu fiz escola pública, mas foi muito boa, e depois, descobri que os meus professores da USP tinham estudado lá. Mas, na época, eu não sabia, eu sabia que era boa, mas hoje eu me dei conta de como era boa. Eu li o Marx no colégio e, aliás, eu fui fazer história porque eu li textos do Marx falando de história.

O empobrecimento cultural é muito grande. E esse empobrecimento cultural favorece muito um enfraquecimento psíquico, um enfraquecimento em termos das suas exigências. E nós estamos vendo um mundo que está muito literal, a literalidade é impressionante, é como se a literalidade não significasse o positivismo e o pensamento da direita. Quer dizer, se a gente ficar pré-Marx e pré-Foucault, nós não vamos ficar em nada, nós vamos ficar no pensamento da extrema-direita, precisa ficar claro isso. Porque ninguém olha para a realidade e a enxerga, se não for Deus. E se Deus não existe, então como é que fica? Então eu penso que o neoliberalismo entrou com tudo quando você estava tendo o crescimento do estado de bem-estar social, estava entrando um discurso de políticas públicas, de direitos. Pensa que no Brasil as pessoas começaram a falar em cidadania na década de 1970, nos Estados Unidos é do início da colonização, tem séculos. O movimento negro nos Estados Unidos. O Martin Luther King morreu em 1968, já era famosíssimo, é muito diferente da sociedade americana. Quer dizer, é hiper racista, mas o movimento negro tem um poder que no Brasil ainda está começando a aparecer um pouco. Eu me lembro que em 1970 e pouco teve uma SBPC com o movimento negro, mas não se falava em feminismo negro ainda. Tanto que a gente só ouve falar de duas: Lélia

Gonzalez e a Sueli Carneiro. Mas nos Estados Unidos tem 500 pessoas, tem 500 nomes. Então, eu acho que tem um enfraquecimento cultural promovido, é estratégia política. Não é do nada. Por que não tem investimento na educação? Porque não interessa, não interessa gente inteligente, não interessa gente culta, não interessa. Só isso. E não interessa por quê? Porque aí vem crítica. E se vem crítica, vem luta, vem contra conduta, vem resistência. Porque você pode ter uma atitude de contestação, mas você não tem um vocabulário para entender o que é. Se você tem um vocabulário e entende que aquilo é uma luta, é uma contestação, você se empodera, claro, fica muito mais fortalecida.

Então o neoliberalismo curto-circuita as relações, se faz tudo individualizadamente — não é uma coisa que agrega, que congrega —, cada vez mais um indivíduo, e ele tem que se pensar que não é mais explorado, empregado, ele é MEI. Ele não tem patrão, ele tem um gestor, é um outro vocabulário, é uma captura da subjetividade que, segundo essas autoras que a gente leu mais, a Oksala, por exemplo, a Wendy Brown, próxima da Judith Butler, a Margaret McLaren, elas vão dizer que, assim, referenciadas pelo Foucault, que essa racionalidade não fica só na direita, ela caiu no mundo. Ela está nas ONGs, nos grupos de esquerda, nos grupos feministas negando tudo, negando a universidade, negando a experiência, negando uma contestação muito, eu acho, muito tosca mesmo, no sentido de não haver um debate, não tem uma crítica política. É uma violência, é difícil de entender o que está acontecendo, é a coisa que todo mundo está falando, o discurso de ódio, mas o discurso de ódio não é só dos bolsonaristas, isso que está assustador. Você, de repente, vê isso nos movimentos, eu não sei muito como está nos meios anarquistas, eu não tenho circulado com eles, mas a gente apanhou várias vezes porque a gente fez uma revista bonita e revista bonita é coisa da burguesia. Mas uma cobrança do nada, sem base, você não entende muito bem a que vêm, chutar o balde por chutar o balde, isso eu acho que é uma captura neoliberal, não é do nada. E que é promovida também por um Estado ou pelas elites que não têm interesse em contestação e luta e, vamos dizer, da década de 1970 para cá houve muita contestação, olha o que aconteceu. As mulheres estão bombando em todas as áreas. Tem arquiteta feminista dizendo que a cidade é fálica, tem as médicas feministas falando que aquela ginecologia não é para nós, que o direito é machista, em História falando que não tem história das mulheres e até, também, os homens falando em masculinidades, o movimento LGBT. Então há uma explosão que pega muito pesado pro mundo muito conservador, para quem queria aquela sociedade do século XIX que a burguesia estava tentando instaurar. Porque,

“É possível ser livre”

aparentemente, você pode ficar livre. Esse teórico do neoliberalismo, o Gary Becker, ele diz que não são contra o casamento gay, a questão é a seguinte: tem que pensar melhor, porque um homem com um homem, um deles vai ter que fazer o papel de uma mulher nas coisas da casa, ele vai ter que aprender, ele vai ter que ter empregada e isso vai custar caro. Agora, se for uma mulher e um homem, cada um sabe o seu papel. Não fica caro. Tem que pensar no custo-benefício.

A única coisa que eu queria dizer é que esse Gary Becker tem um livro que é ‘A Teoria do Capital Humano’ e ele é um americano da escola de Chicago que morreu em 2014, ele foi prêmio Nobel em 1992 de Economia, assusta, né? O cara fala isso e ele vira prêmio Nobel, em 1992? Está aí. As pessoas são fascistas e dizem que estão lutando pela democracia, é isso? Ou eu não estou entendendo nada? Fala uma coisa e pratica outra. Todo mundo é contra o Bolsonaro, mas, no cotidiano, as práticas bolsonaristas são o que estão. A mulher é feminista, mas ele dá balão na outra, se você está atacando outra mulher, você não é feminista, você é machista, não precisa ser homem para ser machista. Não precisa ser homem para ser misógino, a Damares é um exemplo típico da mulher misógina. E há homens filóginos, ‘filóginos’ é o oposto de misógino, por que ninguém sabe disso? Filo é amor, Ginia é mulher, então o amor pelas mulheres, pela cultura feminina. Filoginia, misoginia, o oposto. Por que a gente só sabe o oposto? A gente só fica com o negativo, por que não tem no seu repertório? Por que eu aprendi isso quando eu tinha 50 anos? E não quando eu tinha 10? Às vezes eu fico pensando, nossa, eu sou feminista, mas como os homens me ajudaram, aí eu fui parar nos Estados Unidos porque um homem me puxou, o Roberto Machado, falou: “você quer que eu dê um curso na Unicamp?”. Eu fui chamar ele pra ser banca, ele falou: “não, não posso ser banca, eu não entendo o seu tema, mas quer que eu dê um curso pra vocês?”, foi umas 20 vezes lá pra dar curso pra nós, a Priscila⁷ teve aula com o Roberto Machado, e aí ele falou assim: “eu vou trazer pra um amigo, o Ortega”. Não é que eles queriam alguma coisa em troca, não queriam nada, não, eles queriam trabalhar juntos, então, não tem só homens misóginos. E acho que se a gente não enxergar o positivo, você não potencializa o positivo, não valoriza, não dá destaque. Eu acho que tem que dar destaque, só ficar falando da violência, da violência, da violência, cansa, né? Porque aí você fica achando que não tem saídas, e tem saídas, e

⁷ Priscila Piazentini Vieira é Licenciada (2004), Bacharel (2005), Mestre (2008) e Doutora (2013) em História pela da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Margareth Rago. Com foco em pesquisa em História Contemporânea, Teoria da História e Estudos de Gênero. Para saber mais: <http://lattes.cnpq.br/5308121874637544>.

tem saídas construídas, faz tempo. Tem história, tem tradição, entendeu? Eu tenho que ir tendo contato pra poder. Acho que a história pesa, né, na vida de cada um de nós.

Obrigada.